

**"JOGA A BOLA NO MEU PÉ": PERCEPÇÕES DE ATLETAS UNIVERSITÁRIAS
SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NO FUTSAL FEMININO**

Wendy Mirna Alves Pimentel¹, Mayrhon José Abrantes¹, Farias Adriano Lopes de Souza¹

RESUMO

Algumas transformações do futsal feminino foram ocorrendo ao longo dos anos, incluindo a problemática do preconceito de gênero na prática da modalidade. O objetivo do estudo foi analisar a percepção de atletas universitárias sobre as questões de gênero no futsal feminino. Para tanto, foi realizada uma Pesquisa de Campo, de natureza exploratória e com abordagem qualitativa. O lócus é representado pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), campus de Tocantinópolis-TO. Participaram da pesquisa um total de cinco atletas universitárias do curso de Licenciatura em Educação Física. Os resultados abordaram um conjunto de motivações e incentivos (familiares e institucionais), bem como um espectro de preconceitos que as universitárias tiveram (e têm) que enfrentar para continuarem praticando um esporte historicamente masculinizado. Conclui-se que a mulher deve continuar lutando pela ocupação desses e de outros espaços, tal como ocorre com as referidas atletas universitárias, uma vez que lugar de mulher é onde ela quiser.

Palavras-chave: Futsal. Preconceito. Atletas universitárias.

ABSTRACT

"Pass the ball to my foot": perceptions of university athletes on gender issues in women's futsal

Some transformations of women's futsal have occurred over the years, including the issue of gender prejudice in the practice of the sport. The objective of the study was to analyze the perception of university athletes on gender issues in women's futsal. To this end, a Field Research was carried out, of an exploratory nature and with a qualitative approach. The locus is represented by the Federal University of Northern Tocantins (UFNT), Tocantinópolis-TO campus. A total of five university athletes from the Bachelor's degree in Physical Education participated in the research. The results addressed a set of motivations and incentives (family and institutional), as well as a spectrum of prejudices that university women had (and have) to face in order to continue practicing a historically masculine sport. It is concluded that women must continue to fight for the occupation of these and other spaces, as occurs with the aforementioned university athletes, since a woman's place is wherever she wants.

Key words: Futsal. Preconception. College athletes.

1 - Universidade Federal do Norte do Tocantins, Tocantinópolis, Tocantins, Brasil.

E-mail dos autores:
mirna.pimentelli@gmail.com
mayrhon@mail.uft.edu.br
adriano.lopes@uft.edu.br

INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno com grande proeminência sociocultural, cujo contexto histórico foi baseado na divisão de gênero (Hargreaves, 2003).

Por gênero, compreende-se como algo que é construído social e culturalmente, envolvendo um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino (Goellner, 2003; 2010).

Nessa seara, compreende-se que o esporte de forma geral – e o futsal, de forma particular – deve ser incentivado para ambos os gêneros, incluindo aspectos como socialização, exercício de liberdades, experimentação de situações de movimentação de seu corpo, aprendizagem de técnicas, etc., e não somente quando se refere à questão da estética ou do alto rendimento (Goellner, 2010).

Segundo dados oficiais da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado), o futsal é praticado em cerca de 140 países, pelo menos no tocante à categoria masculina.

Por outro lado, quando se trata da categoria feminina, são somente 55 países praticantes da modalidade. Esse número inferior reflete a realidade do futsal feminino, sem apoio e sem comprometimento dos órgãos e poderes que deveriam investir no seu desenvolvimento (Ferreira e colaboradores, 2021).

Não obstante, é preciso reconhecer que há algumas iniciativas em prol do crescimento da modalidade. Um exemplo disso perpassa pela Confederação Brasileira de Futsal (CBFS), a qual buscou fomentar o intercâmbio internacional do futsal feminino com a criação do Campeonato Sul Americano de Seleções.

Com efeito, os tímidos avanços ainda esbarram no fato de o futsal não ser um esporte olímpico, o que acaba fechando algumas portas quanto a um provável crescimento e maior interesse de patrocinadores e dos meios midiáticos (Silva, Ribeiro, 2022).

Decerto, isso torna-se ainda mais problemático para as mulheres, cuja modalidade foi autorizada tardiamente pela FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão), em 23 de abril de 1983 (Sanches, Borim, 2010), isto é, quase 50 anos após o

surgimento do esporte no contexto uruguaio, em 1934, pelo professor Juan Carlos Ceriani.

Sintomaticamente, importa-nos salientar que a justificativa pela escolha do tema emergiu em virtude dos recorrentes episódios de preconceito de gênero atrelado a este esporte. Assim, para discutir tal problemática, a presente pesquisa buscou amparo teórico nos estudos desenvolvidos por Goellner (2003; 2010), Knijnik e Souza (2004), Valporto (2006), Ferreira e colaboradores (2021) e Silva e Ribeiro (2022).

A despeito da sua pertinência, ainda cumpre-nos ressaltar a existência de poucos dados na literatura nacional sobre os aspectos concernentes às questões de gênero.

Tamashiro e Galatti (2018) realizaram uma revisão com o objetivo de identificar os artigos que tratam do preconceito de gênero no futsal e futebol nos periódicos nacionais, cujos resultados apontaram uma baixa quantidade de artigos publicados, visto que dentre os 74 artigos identificados na busca, apenas seis tinham relação com o referido tema, demonstrando que o seu estudo no Brasil ainda é incipiente.

Ora, a lacuna supracitada também pode ser verificada no tocante ao esporte universitário (Hillebrand, Grossi, Moraes, 2008; Silva, Secco, Nakano, 2022), contribuindo para justificar a necessidade de realizar uma abordagem exploratória a respeito do tema no contexto universitário. Em face do exposto, o presente estudo tem como objetivo compreender a percepção de atletas universitárias sobre as questões de gênero no futsal feminino.

MATERIAIS E MÉTODOS

Em função do objetivo citado acima, a presente investigação se constitui como uma Pesquisa de Campo, de natureza exploratória e com abordagem qualitativa.

No entendimento de Martins e Ramos (2013), a pesquisa ou estudos qualitativos não buscam obter amostras representativas com foco na lei da probabilidade, nem ao menos a pretensão que seus estudos sejam replicados, mas fundamenta-se em um processo indutivo de forma exploratória e descritiva gerando novas perspectivas teóricas.

A respeito do caráter exploratório, busca-se ampliar os conhecimentos,

aperfeiçoar ideias e alcançar uma nova percepção sobre o tema proposto (Marconi, Lakatos, 2003).

O lócus da pesquisa é representado pela UFNT¹, mais especificamente o Campus de Tocantinópolis-TO, cujos universitários do curso de Educação Física² estão geralmente mais envolvidos com as práticas esportivas, o que os torna um público-alvo privilegiado para um recorte sobre a temática focal do presente estudo.

Nesse sentido, os critérios de inclusão utilizados para a seleção da nossa amostra

foram: universitárias matriculadas no curso de Educação Física da UFNT; participação como atleta do “I Torneio de Futsal” da referida instituição e que aceitaram participar da pesquisa. Como critério de exclusão, destacamos a não devolutiva do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado, conforme recomenda as resoluções 466/12 e 510/16. Isto posto, em conformidade com o cumprimento de tais critérios, participaram da presente pesquisa um total de cinco atletas universitárias do referido curso (Quadro 1).

Quadro 1 - Perfil das participantes da pesquisa.

Nome fictício	Idade	Período do curso	Tempo de prática
Atleta “Taty”	29 anos	Oitavo período	Desde os 9 anos
Atleta “Amandinha”	32 anos	Oitavo período	Desde os 9 anos
Atleta “Cilene”	22 anos	Oitavo período	Desde os 8 anos
Atleta “Diana”	Não informado	Oitavo período	Desde 8 a 9 anos
Atleta “Camila”	29 anos	Oitavo período	Não se recorda

Fonte: Os autores.

Observe-se que, para garantir o anonimato das referidas participantes, elas serão identificadas pelos seguintes nomes fictícios: Taty, Amandinha, Cilene, Diana e Camila. Tal opção justifica-se por representarem nomes de atletas da seleção brasileira feminina de futsal. A média de idade foi de 28 anos, sendo a idade mínima 22 anos e a máxima 32 anos, conforme ilustrado no quadro acima.

Para tanto, optamos por utilizar o Grupo Focal para a produção de dados desse estudo.

Conforme pontuado por Gatti (2005), trata-se de uma técnica que vem sendo bastante utilizada nas pesquisas, no intuito de compreender as percepções dos sujeitos a respeito de determinado fenômeno, permitindo, por meio da interação grupal, o surgimento de semelhanças e contrapontos, incluindo sentimentos, atitudes e valores dos respectivos participantes.

Nesse sentido, visando orientar e estimular a interação entre elas, elaboramos um roteiro prévio para ser utilizado com

flexibilidade (Gatti, 2005), contendo alguns temas pertinentes ao nosso objeto de estudo, são eles: motivações, incentivos, preconceitos, sexualidade e perspectivas futuras.

Ademais, para fins analíticos, esse estudo recorreu a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2002), a qual divide-se basicamente em três fases. Na primeira é realizada a pré-análise, com leituras, escolhas de materiais, formulações de objetivos e indicadores. Na segunda é feita a exploração do material, categorização ou codificação e, por fim, o tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

Por fim, em consonância com os aspectos Éticos de Pesquisa, reiteramos que todas as participantes concordaram em participar do presente estudo, assinando o TCLE, o qual contém informações sobre a natureza, a importância e o objetivo da pesquisa.

Assim, a presente investigação seguiu as recomendações da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, possuindo CAAE 55415822.6.0000.5519 do Comitê de Ética em

¹ Conforme a Lei Nº 13.856, de 8 de julho de 2019, a UFNT foi criada por desmembramento de campus da Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT), sendo constituída por campi nos municípios de Araguaína, Guaraí, Tocantinópolis e Xambioá.

² Além do curso de Educação Física, o referido Campus é composto por outros quatro cursos de graduação, são eles: Ciências Sociais, Educação do Campo, Direito e Pedagogia.

Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, o primeiro tema que buscou-se explorar com as participantes foi sobre a iniciação delas no esporte. E mesmo cursando Educação Física e tendo um contato mais específico com os esportes, incluindo o próprio futsal (disciplina presente na grade do referido curso), o primeiro contato com tal esporte não foi ocasionado pela experiência acadêmica.

Todas as entrevistadas relataram que jogam desde criança, por volta de oito ou nove anos de idade, iniciando a prática da modalidade com os irmãos, primos, amigos e colegas da escola. Portanto, observa-se que tal iniciação sempre ocorria com outros meninos e não com outras meninas, tal como já havia sido apontado em um estudo recente, realizado por Sousa, Farias e Souza (2023) no contexto tocaninopolino.

Além disso, nos chamou a atenção o fato de o esporte estar presente em suas vidas, dentre outras coisas, pela facilidade de ser praticado em qualquer espaço, incluindo lugares mais inusitados, como “debaixo de um pé de manga”, conforme ilustrado nos seguintes relatos:

“Bom eu comecei jogar, com meus irmãos, meus colegas, meus vizinhos, ali perto de casa mesmo, na rua, debaixo de uns pés de manga que tinha perto da minha casa e jogava também na escola, né?” (Amandinha).

“Eu comecei a jogar de baixo de um pé de manga, lá na minha avó, com meus primos mesmo porque minhas primas que eram mulheres tipo era tudo novinha, bem mais nova que eu” (Cilene).

De fato, conforme pontuado por Borsari (1989), um dos principais elementos que ajudaram a popularizar o futebol foi a fácil aquisição de materiais para a sua prática, visto que o jogo pode ocorrer com algumas simples adaptações, como por exemplo, a utilização de bolas de meia para simular a bola e/ou sandálias para simular a trave. Ou seja, sua prática pode ser adaptada em qualquer espaço,

de acordo com a necessidade dos seus praticantes.

Cada atleta tem sua história de vida e uma relação afetiva com o futsal. Algumas inclusive já participaram de torneios nas escolas, como o interclasse. Assim, evidencia-se que a escola pode representar um espaço rico para a o acesso à prática do futsal, mais especificamente, nas aulas de Educação Física. Este dado corrobora com um estudo recente realizado por Bezerra, Barreiro e Queiroz (2022) na cidade de Diamante-PB, cuja prática do futsal nas escolas públicas abria caminhos para que as meninas se sentissem incluídas, reconhecidas e valorizadas.

Na interação do grupo focal, as participantes tiveram a oportunidade de relatar o incentivo (ou não) por parte da família no tocante à prática do futsal. Nesse ponto, constatamos que algumas das meninas tiveram que lidar com a desaprovação de alguns familiares, em especial, as suas mães, quanto à prática da referida modalidade, tal como ilustrado nos relatos abaixo:

“Foi o meu avô [que me apoiou]. Minha mãe detestava, meus pais detestavam que eu jogava, que eu praticasse isso, esporte, futebol, futsal, eles não gostavam. Minha mãe chegou a jogar minha chuteira fora, mas o meu avô, ele brigava mesmo, ele ia lá quando tinha dia de campeonato que minha mãe me proibia de ir, meu avô ia lá, me pegava pelo braço: ‘você vai comigo, eu vou te levar’” (Taty).

“[...] eu queria jogar com eles, com os meninos. E sobre minha família me apoiar tipo até hoje minha mãe tipo é meio ‘cri’ com isso, sabe? por questões de preconceito mesmo, meu pai é mais liberal” (Cilene)

Como um contraponto da falta de incentivo de alguns familiares, observa-se que algumas delas tiveram o apoio de pessoas do sexo masculino (como pai e avô), o que pode ser mais comum do que se imagina. Nesse sentido, é possível inferir que não raras vezes as próprias mulheres (no caso delas, sobretudo, as mães) acabam por difundir o preconceito a respeito de outras mulheres que praticam o futsal/futebol. Em reportagem publicada no Jornal O Dia, no ano de 1997, a filha caçula de um dos mitos do futebol brasileiro, Garrincha, relata os vários esforços

que fez para convencer a mãe a aceitar sua participação como atleta no universo do futebol, apontando que a sua mãe queria que ela arrumasse um namorado por medo de pensarem que ela fosse “sapatão” (Silva, Costa e Salles, 1998).

Nesse bojo, um relato nos chamou a atenção, pois na condição de já ser mãe, uma das participantes o grupo focal afirma que busca apoiar a prática esportiva de sua filha, uma vez que ela própria não teve esse apoio da sua mãe, conforme demonstrado abaixo:

“[...] agora mesmo, eu estava participando da gincana da escola da minha menina, do interclasse, primeiro ano ela tá participando. [...] sempre que eu tenho um tempo eu gosto de tá envolvida dentro dessas questões que envolve o movimento, que envolve a prática e, principalmente, que envolva o futebol” (Camila).

Nesse sentido, pode-se articular que o apoio e a motivação vindos da família representam um importante suporte social para o desenvolvimento de uma prática corporal e esportiva. A família é o ambiente onde as atletas desenvolvem sua identidade, autoestima, motivação, etc. A boa evolução, muitas vezes, se deve ao encorajamento da família, atribuição de valores, além do apoio psicológico (Vilani, Samuski, 2002).

As atletas também foram questionadas a respeito do incentivo da Universidade na prática do futebol. Nesse ponto, elas citaram que se depararam com poucas iniciativas, como um projeto de extensão de futsal, um interclasse organizado por alunos do curso de Educação Física e os próprios Jogos Universitários, muito embora esses demandem de um aporte financeiro, o que nem sempre foi cedido para elas, conforme ilustrado no seguinte relato:

“Eu cheguei a jogar o JUFT [Jogos Universitários da Universidade Federal do Tocantins]. O JUBS [Jogos Universitários brasileiros] eu não fui, nessa mesma época que a “Cilene” foi, eu não fui porque teria que desembolsar dinheiro e eu não tava em condições financeiras de tirar o dinheiro do meu bolso [...] como é que a gente vai sair do campus da cidade que a gente tá pra ir pra

outro campus pra representar a universidade sem esse auxílio [financeiro]” (Taty).

As mulheres, ao longo de sua história, têm enfrentado inúmeras barreiras para conquistar os espaços que são seus por direito, e no meio esportivo não é diferente. No cenário nacional, a participação e a trajetória das mulheres que praticam futebol têm um crescimento vagaroso em referência a outros países, como os europeus, por exemplo, que buscam a realização de campeonatos, e, ainda assim, é evidente que o investimento financeiro sequer se aproxima daquele destinado ao futebol masculino (Souza, 2008).

Balardin e colaboradores (2018), por sua vez, ressaltam que as atletas que praticam futebol feminino no contexto estadunidense possuem, desde sua formação, ajudas financeiras para viagens, transporte, hospedagem e afins, o que, decerto, representa um apoio fundamental para incentivá-las a continuar praticando o esporte.

Outro aspecto que emergiu com significativa proeminência na interação do grupo focal foi a questão do preconceito de gênero, cujas participantes abordaram situações que vivenciaram por estarem praticando um esporte historicamente masculinizado, conforme ilustrado nos seguintes relatos:

“O pessoal, de fato, não aceitava de forma alguma. Quando a gente ia jogar, o pessoal já falava assim: ‘ah! aquelas sapatão’ [...] eu já ouvir demais pessoal criticar, dizer que futebol era feio, que mulher não sabe jogar, que aquilo não era pra mulher ou que a mulher que jogava era uma sapatão [...]. A gente tinha, então, não é porque joga futebol/futsal que tem que ser sapatão, mas tinha isso dessa associação, já era uma coisa que já vinha junto, sempre veio junto, sempre andou junto, era complicado (Taty).

“Ah! é isso mesmo que as meninas comentaram existe sim esse tipo de preconceito desde quando eu comecei a jogar [...] quando eu já tinha uns 16 anos, 17 anos que eu ia com as meninas pra quadra os meninos sempre falava isso: ‘Ah! tem que caçar vasilha pra lavar’. ‘As mulher tá fazendo o que? Lugar de mulher não é na quadra não’. E quando a gente ia jogar em alguma cidadezinha assim fora, a gente sempre ouvia. E é como

falaram aí, não é só dos homens não, das próprias mulheres também. Elas falam isso, criticam a gente, então isso ainda é muito pior pra nós né?” (Diana).

Ora, nos chamou a atenção que algumas mulheres contribuía para difundir o estereótipo de que futebol não era coisa para elas. Uma das participantes chegou a afirmar que chegava a chorar, pois não sabia como lidar com situações de preconceito, ainda mais quando vinha de uma outra mulher. Segundo Barbieri (2009), no meio do futebol/futsal, os preconceituosos utilizam-se diversas palavras pejorativas, como por exemplo, “mulher macho” ou “Maria sapatão”, fazendo com que a mulher não seja percebida no que diz respeito as suas potencialidades e sim pela concepção deturpada do exercício do esporte, ou seja, de que tal prática seja coisa somente para homens.

Com efeito, mesmo que o futebol seja um esporte que tenha status de maior popularidade, com grandes estrelas e com uma circulação de dinheiro significativamente maior, é possível conjecturar que é no futsal que tais situações de preconceito de gênero podem ocorrer com maior frequência, em virtude da grande diversidade de locais disponíveis para sua prática, tais como: escolas, praias, clubes, praças, ginásios, etc. (Stefanon, Silva, 2013). Em contrapartida, também são nesses espaços que as mulheres têm buscado se inserir, vencendo obstáculos e enfrentando diariamente o preconceito de gênero para continuarem praticando o esporte.

Segundo Stefanon e Silva (2013), o futsal é um esporte praticado no mundo inteiro e a cada dia ganha novos adeptos, principalmente pela facilidade de sua prática e pelos locais onde pode ser praticado esse esporte, porém, além do sexo masculino, as mulheres também têm gerado números expressivos quanto à prática, marcando presença em eventos importantes, embora poucos (re)conheçam as suas lutas contra o preconceito de gênero para a sua inserção e permanência na prática esportiva.

Sintomaticamente, observa-se que o futsal é um esporte que ainda necessita ter mais espaço na mídia, a qual, de acordo com Nunan (2003), representa um importante agente de socialização de opinião e de construção e perpetuação de estereótipos, devendo, portanto, ser levada em consideração

na análise do fenômeno do preconceito. Nesse sentido, compreende-se que seria fundamental um maior trato do futsal nos meios midiáticos, destacando a participação feminina.

Entretanto, mesmo com uma considerável expansão do futsal no Brasil e no Mundo, com o crescimento da presença da mulher nessa modalidade, o processo de discriminação e de preconceito infelizmente continuou sendo realizados contra as mulheres que praticam esse esporte.

CONCLUSÃO

As lutas, mobilizações e movimentos feministas realizados ao longo de todos esses anos contribuíram para a inserção da mulher nas mais diversas áreas da sociedade, quebrando barreiras da desigualdade social, proibições, e preconceitos enfrentados quase que diariamente.

Hoje, além de realizar as tarefas domésticas e cuidar dos filhos, elas trabalham, estudam, tomam suas próprias decisões, têm suas responsabilidades e são capazes de incorporar outras atividades que apareçam, fazendo-as com eficiência, tal como ocorre no âmbito esportivo.

Assim, a presente investigação se debruçou a respeito da percepção de atletas universitárias sobre as questões de gênero que atravessam o futsal feminino, cuja justificativa perpassou pela necessidade de levantar informações quanto aos desafios enfrentados e conquistas alcançadas, com ou sem o apoio da família e da Universidade.

Os resultados abordaram um conjunto de motivações e incentivos (familiares e institucionais), bem como um espectro de preconceitos que as universitárias tiveram (e têm) que enfrentar para continuarem praticando um esporte historicamente masculinizado. Constatamos que o estereótipo de que futebol é coisa de homem foi, em diferentes momentos de suas vidas, difundido por muitas atitudes machistas e preconceituosas, as quais foram oriundas, algumas vezes, das próprias mulheres.

Conclui-se que a mulher deve continuar lutando pela ocupação de espaços historicamente masculinizados, tal como ocorre com as atletas universitárias de futsal em Tocantinópolis-TO, cujo preconceito não foi suficiente para afastá-las do esporte.

Sua resistência e persistência, destarte, contribuíram para fomentar uma quebra de paradigma no contexto investigado, demonstrando que lugar de mulher é onde ela quiser.

REFERÊNCIAS

- 1-Balardin, G.F.; Voser, R.C.; Duarte, M.A.; Mazo, J.Z. O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo. Vol. 10. Num. 36. 2018. p. 101-109.
- 2-Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa. Edições 70. 2002.
- 3-Barbieri, F.A. *Futsal: Conhecimentos teóricos - práticos para o ensino e treinamento*. Fontoura. 2009.
- 4-Bezerra, A.S.; Barreiro, F.M.; Queiroz, F.A. prática do futsal feminino nas escolas públicas da cidade de Diamante-PB. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo. Vol. 14. Num. 60. 2022. p. 541-546.
- 5-Borsari, J.R. *Futebol de campo*. São Paulo. EPU. 1989.
- 6-Ferreira, J.R.L.; Melo, R.X.; Lima, H.J.S.; Lima, R.A.M. Melo, L.F.B. Perspectivas sobre as mulheres no campo do futebol/futsal feminino: o que as pesquisas nos periódicos nacionais evidenciam. *Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*. Vol. 33. Num. 64. 2021. p. 01-14.
- 7-Gatti, B.A. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro. 2005.
- 8-Goellner, S.V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*. Vol. 1. Num. 2. 2010.
- 9-Goellner, S.V. *Bela, Feminina e Maternal: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí. Unijuí. 2003.
- 10-Hargreaves, A.O. *ensino na sociedade do conhecimento. A educação na era da insegurança*. Porto: Porto Editora. 2003.
- 11-Hillebrand, M.D.; Grossi, P.K.; Moraes, J.F. *Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário*. Rio Grande do Sul: PUC. 2008.
- 12-Knijnik, J.D.; Souza, J.S.S. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: Simões, A. C.; Knijnik, J. D. (Org.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho*. 2004. p. 191-212.
- 13-Marconi, M.A.; Lakatos, E.M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª edição. São Paulo. Atlas. 2003.
- 14-Martins, R.X.; Ramos, R. *Metodologia de pesquisa: guia de estudos*. Lavras: UFLA, 2013.
- 15-Nunan, A. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Caravansaraí: Rio de Janeiro. 2003.
- 16-Sanches, V.C.; Borim, J.M. História e evolução do futsal feminino no Brasil e no Paraná. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires. Año. 15. Nun. 149. 2010.
- 17-Silva, G.H.A.; Ribeiro, V.B. *Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços*. Cad. Educ. Fís. Esporte, Marechal Cândido Rondon. Vol. 20. 2022. p. e-28992.
- 18-Silva, G.M.; Secco, H.A.; Nakano, T.C. Perception of female soccer athletes in relation to the practice of the modality in Brazil. *Research, Society and Development*, [S. l.], Vol. 11. Num. 7. 2022. p. e3511729418.
- 19-Souza, D.A. *O Brasil entra em campo: Construções e reconstruções da identidade nacional*. São Paulo. Annablume Editora Comunicação. 2008.
- 20-Sousa, J.B.; Farias, M.J.A.; Souza, A.L. *Futebol é coisa de quem quiser? Uma análise da inserção feminina na prática esportiva em Tocantinópolis-TO*. *Revista da Alesde*. Vol. 15. Num. 1. 2023. p. 22-38.

21-Stefanon, N.M.; Silva, E.R. Futsal feminino e questões sobre sua aplicabilidade. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año. 18. Num. 185. 2013.

22-Tamashiro, L.I.; Galatti, L.R. Preconceito no futsal e futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 10. Num. 41. 2018. p. 795-799.

23-Valporto, O. Atleta, substantivo feminino. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/COB. 2006.

24-Vilani, L.H.P.; Samulski, D. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: Garcia, E.S.; Lemos, K.L.M. Educação física e esportes. Belo Horizonte. Editora Health. 2002. p. 9-26.

Recebido para publicação em 15/10/2023
Aceito em 07/02/2024